REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

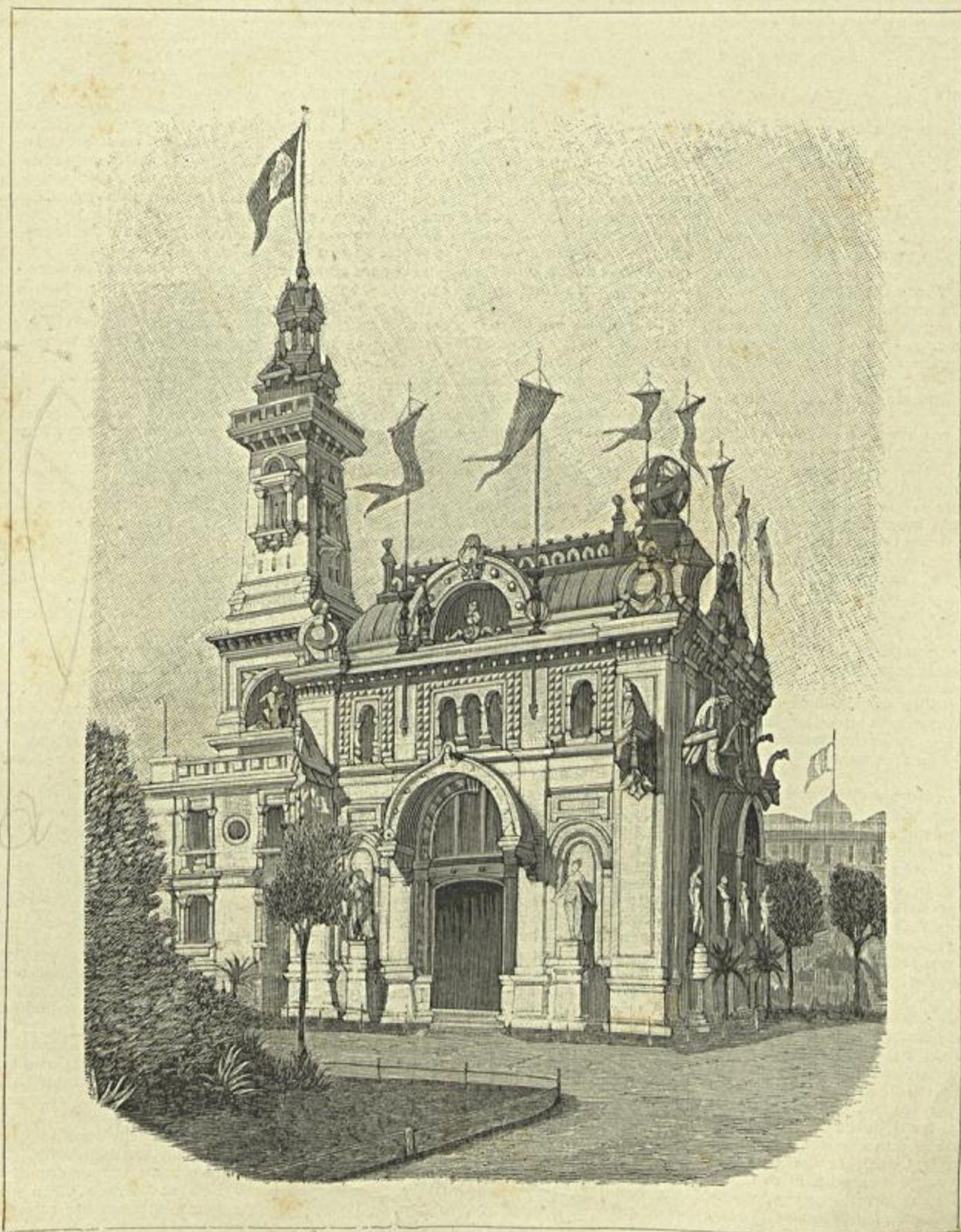
12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 383

11 DE AGOSTO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1889

PAVILHÃO DA EXPOSIÇÃO DO BRAZIL, NO CAMPO DE MARTE

(Segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

Quando ha mezes se inaugurou no salão d'entrada do theatro de D. Maria o busto da grande actriz portugueza Emilia das Neves nós, dando noticia aos nossos leitores d'essa justissima homenagem prestada á memoria d'uma das suas mais extraordinarias artistas, que tem havido na nossa terra, mostrámos o nosso desejo de que se pagassem outras dividas não menos sagradas que temos em aberto, a começar pela que devemos á memoria gloriosa de José Carlos dos Santos, e indicámos até a maneira pratica de realisar o pagamento d'essa divida sem ter que ir bater á porta do thesouro, ou recorrer a um processo já muito gasto e que pouco resultado dá — a subscripção nacional.

Um busto de marmore não exige as sommas elevadas d'uma estatua monumental, e uma unica recita em que collaborassem todos os artistas, uma recita bem organisada, bem dirigida, bem annunciada, em uma sala de grandes dimensões como a de S. Carlos por exemplo, bastaria para, com o seu producto — desde o momento em que todos trabalhassem de boa vontade — cobrir todas as despezas a fazer com essa obra de gratidão e de justiça.

O meio parecia-nos e parece nos facil, á idéa justissima: entretanto ninguem mais fallou em tal, nunca mais depois d'isto se tornou a fallar em monumentos a artistas, em homenagem aos nossos grandes actores mortos.

E nós como não fomos encarregados por ninguem de velar pelo pagamento das dividas nacionaes calámo nos tambem e ficámos esperando que a idéa que aventámos fizesse o seu caminho, um caminho que leva seu tempo, porque actualmente todas as idéas que não atravessam pelas viellas da politica ou pelas estradas do interesse proprio andam muito de vagar, não só em Lisboa como no mundo inteiro, façamos essa justiça á nossa terra.

Agora a morte de Antonio Pedro reviveu o assumpto.

Perante o grande artista morto, os seus amigos mais intimos, os admiradores mais enthusiastas do seu extraordinario talento, uniram-se no pensamento commum e louvavel de prestar uma homenagem publica á memoria querida do illustre morto e de, por meio d'um monumento qualquer, de uma estatua, d'um busto ou d'um medalhão, perpetuarem a sua memoria gloriosa, recordarem aos contemporaneos e fazerem conhecidas aos vindouros as feições, a physionomia d'esse immortal artista que tão grande foi na sua terra e na sua arte.

Temos a honra de fazer parte do grupo d'esses amigos e admiradores de Antonio Pedro, e fomos o primeiro a lembrar essa homenagem, cuja idéa alias estava no espirito de todos, o que se prova exuberantemente pela promptidão com que a ella se associaram os amigos do grande actor, os homens mais eminentes do theatro e do jornalismo portuguez.

Entretanto sobre a forma d'essa homenagem é que ainda não ha definitivamente nada assente, e nós que, na primeira reunião que realisou esse grupo d'amigos de Antonio Pedro para se constituirem em commissão afim de proceder regularmente aos seus trabalhos, dissemos franca e desassombradamente a nossa opinião, vamos repetil-a aqui porque ella se prende com o que dissemos por occasião de ser inaugurado o busto de Emilia das Neves, a que já nos referimos.

Admiradores devotadissimos do talento brilhante de Antonio Pedro associamo-nos de coração a todos os testemunhos de deferencia e a todas as homenagens de consideração pela sua memoria querida e illustre, sejam ellas quaes forem; todavia desejariamos que essa homenagem tivesse um caracter essencialmente artistico e que podesse collaborar um dia na grande homenagem que entendemos Portugal ter o dever de prestar não isoladamente a um ou a outro artista dramatico, mas sim a todos aquelles que pela sua grandeza e pela sua influencia sobre o nosso theatro tem o direito incontestavel á sua glorificação nacional.

No salão do theatro de D. Maria estão dois bustos defrontando-se: o de Garrett e o de Emilia das Neves. Ambos elles tem direito sagrado a estar n'aquelle theatro, embora em logares distinctos, — porque sem querer discutir primasias, a obra d'um artista por mais gloriosa que seja é de natureza mui differente da obra d'um escriptor, e muito principalmente quando esse escriptor se chama Almeida Garrett, e quando essa obra se chama não só o *frei Luiz de Souza*, ou *O auto de Gil Vicente*, mas tambem o renascimento do theatro portuguez — ambos esses bustos tem direito a estar em logar de honra n'este theatro, que tanto illustraram por diverso modo, com o seu genial talento, mas não são só esses bustos que tem direito a estar ali, e se foi uma justiça collocar no salão do theatro de D. Maria o busto de Emilia das Neves, é uma injustiça não collocar ao lado d'esse busto o d'outros artistas não menos grandes que foram tambem a honra e a gloria da scena portugueza, Epyphanio, Santos o grande mestre, Rosa pae, Tasso, Delphina a correcção suprema alliada á suprema naturalidade, Manuela Rey esse genio estranho que deixou da sua passagem rapida no nosso palco, um rasto de luz a que mais de vinte annos não conseguiram ainda apagar o brilho intenso, e por ventura outros ainda, que não são muitos, com certeza, cujos nomes nos não occorram n'este momento.

N'essa galeria de celebridades artisticas theatraes, de que o nosso primeiro theatro seria uma especie de Pantheon nacional, tem incontestavelmente um logar de honra o grande actor cuja morte recente o paiz chora — Antonio Pedro, e parece-nos que não poderia haver homenagem mais grata á sua memoria mais propria do grande artista do que collocar-lhe o seu busto de marmore n'esse theatro, que por muitas noites elle illumnou com a luz deslumbrante do seu genio, n'esse theatro onde elle fez uma das creações mais assombrosas da sua gloriosa carreira artistica — o Paralytico, aquella que o transformou de um grande comico em um grande comediante.

O mausoleu-monumental no cemiterio dos Prazeres não se nos afigura ter segnificação alguma. Um tumulo por mais rico que seja, n'um cemiterio municipal onde a terra se compra aos palmos, toda a gente póde ter; prova apenas que quem o mandou fazer tinha dinheiro para comprar o terreno, para comprar a pedra, para pagar a mão d'obra.

Além d'isso os actores tem no cemiterio dos Prazeres dois jazigos, um do Estado, um *pantheon* que se fez por iniciativa de Francisco Palha, o eminente homem de lettras, e outro pertencente ao Monte-pio dos actores.

Dizem-nos que o *Pantheon* está n'um estado vergonhoso e mesmo irreverente de ruina, porque o ministerio das obras publicas recusa-se não sabemos com que fundamento a mandal-o reparar; que se trate disso, que se faça com que o governo mande restaurar esse jazigo official dos actores de D. Maria e os restos mortaes de Antonio Pedro não poderão estar melhor em parte alguma do que ao lado dos restos mortaes do Santos, do Tasso, da Delphina, da Manuela Rey, de todos os seus illustres collegas que elle tanto amou e respeitou na vida.

E dormindo o grande somno na camaradagem d'esses seus confrades gloriosos, como ao lado d'elles na lucta conquistou os seus maiores triumphos, Antonio Pedro ferá então o seu monumento de gloria, no salão do theatro de D. Maria onde o terreno não se compra a tantos réis o metro, onde só o conquista o talento, terá ali o seu busto de marmore cuja significação é bem differente da significação d'um rico mausoleu, e onde não correria o risco de ser d'um momento para outro humilhado pela visinhança d'um mausoleu mil vezes mais rico e sumptuoso, de qualquer negreiro abastado que tivesse mais dinheiro e mais pedra!

Dissemos ha pouco que nos parecia não haver homenagem mais grata á memoria de Antonio Pedro do que o collocar-lhe o seu busto no Theatro onde elle teve muitas das suas noites de gloria, e entretanto umas informações authenticas que tivemos, obrigam-nos a modificar esta nossa opinião.

Ha com certeza uma homenagem que deve ser mais grata ainda á memoria de Antonio Pedro.

A viuva do grande actor ficou em precarias circumstancias, dizem-nos que a sua casa está hypothecada; e a situação em que a desolada senhora se encontra parece-se muito com a miseria, e em vista d'isto não póde haver duvida de que o primeiro dever dos amigos e dos admiradores de Antonio Pedro é antes de tudo tratar de soccorer a viuva d'elle, de lhe garantir não a riqueza, mas o pão de cada dia.

Parece-nos pois que o primeiro dinheiro que dos beneficios que se vão realisar, da subscripção nacional que já se abriu, se apurar, deverá ser applicado a constituir um capital cujo juro garanta a subsistencia da viuva de Antonio Pedro e que só depois d'isso feito se pense então em qualquer outra homenagem á memoria gloriosa do grande artista.

E será decerto isto que fará a commissão eleita onde figuram homens dos mais eminentes da nossa terra, amigos dos mais intimos e dedicados do fallecido e illustre actor.

E a proposito d'este triste reverso da gloria dos artistas uma noticia igualmente desoladora que nos chegou á ultima hora.

A viuva de Leite Bastos, o festejado escriptor cujo talento extraordinario os leitores do OCCIDENTE, tantas vezes tiveram occasião de apreciar, está na maior miseria e estende a mão á caridade publica.

E' tristissimo, e é vergonhoso para nós todos jornalistas e escriptores publicos portuguezes, que a viuva d'um dos mais infatigaveis e brilhantes dos nossos confrades se veja necessitada a pedir esmola para não morrer de fome.

Todas as corporações mesmo as menos illustradas, as mais obscuras, tem os seus monte-pios, as suas associações para soccorrer os seus confrades e suas familias n'estas graves circumstancias e a corporação dos homens de lettras que associada tanto podia fazer, só o que tem feito as raras vezes que tem tentado organisar-se em associação é levantar questões de rivalidades, d'amor proprio e tratar de se esphacelar o mais depressa que póde.

Os resultados são estes: a miseria invadir a casa dos que trabalham nas lettars apenas a penna lhes cae das mãos, e a esmola ser o unico recurso para que apellar.

Pedimos uma esmola para a viuva de Leite Bastos.

Não queremos terminar esta chronica sem registarmos o grande e justo successo que está alcançando no theatro da Avenida uma companhia d'opera italiana, companhia de opera secundaria, sem pretenções, mas que tem agradado muito e está sendo um dos grandes divertimentos de Lisboa.

A companhia é de segunda ordem, mas dentro d'essa esphera tem artistas muito apreciaveis e alguns dos quaes nos parecem destinados a figurar em breve, com muita distincção, em companhias de primeira ordem.

Está n'este caso o tenor Suanez, um artista hespanhol, muito novo ainda, muito inexperiente, mas que possue uma das mais bonitas vozes de tenor que temos ouvido, e que no *Rigoletto*, no *La donna à mobile*, e na *Favorita* no *Spirito gentil* teve verdadeiros successos.

Na companhia ha tambem uma contralto muito distincta a sr.ª Treves e que desempenha notavelmente o seu logar; um baixo excellente, o sr. Serra, que em breve com certeza veremos occupar logar distincto no mundo lyrico, e dois barytonos muito apreciaveis, um que começa e que tem dotes o sr. Astilléro, outro que está já no declinar da sua carreira, o sr. Bugatto, mas em que apesar de cançado se reconhece ainda um bom e verdadeiro artista.

A companhia tem tido muito successo; o theatro da Avenida viu com ella desapparecer-lhe a sua *guigne* e quasi todas as noites tem enchentes e a empreza dando um reportorio muito variado quasi todos os dias operas novas, promette para breve o *Fausto* e depois a Carmen.

E' um preludio do theatro de S. Carlos que alegra immenso os lisboetas que não vão a Paris, e que tem assim onde passar divertidamente as noites de verão.

Gervasio Lobato.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1889

III

Os pavilhões dos differentes paizes

Logo que se entra no Campo de Marte, e depois de passado o primeiro assombro que produz a collossal torre Eiffel, a attenção do visitante é chamada ao mesmo tempo para uma infinidade de edificações que se erguem de todos os lados, ora escondendo-se por entre os macissos de grandes arbustos que povoam os jardins da exposição, ora agrupando-se em fraternal *tete à tete*, n'aquelle campo de trabalho e de paz, onde todos os paizes se uniram livremente para cada um mostrar o que vale em face do progresso do seculo, e o que cada um tem concorrido e póde concorrer para o bem estar da grande familia humana.

Não se conclua d'isto que todos os paizes se achem perfeitamente representados nas suas variadas industrias, mas o sufficiente para cada um caracterisar a sua producção indigena, que é o que mais importa conhecer, e o que mais concorre para a grande variedade do extraordinario espectaculo que se vê no Campo de Marte.

E' assim que cada paiz logo se distingue pela architectura do seu pavilhão, e que essa diversidade de construcções, em estylos differentes, são um dos attractivos mais curiosos da exposição, além da historia da habitação humana, representada em habitações indigenas de cada paiz, que constitue outra curiosidade de não menos valor e interesse.

Os paizes sul-americanos quasi todos tem ali pavilhões especiaes, desde o imperio do Brazil até ás mais pequenas republicas do Prata.

A republica do Chili tem um pavilhão que occupa 50 metros quadrados.

E de architectura elegante e ao mesmo tempo severa na rectidão de suas linhas, apresentando um portico saliente formado por dois plintos rectangulares até meia altura e que servem de base a quatro columnas por banda sobre que assenta um entablamento que forma ao centro um angulo obtuso. Para todos os lados abrem-se grandes janellas que se ligam a quatro grandes cunhaes aos angulos do edificio, os quaes se elevam acima da cimalha rematando em capiteis de phantasia. Estes cunhaes são divididos em apainelados rectangulares com cruzetas no meio. Uma grande cupula de vidros remata este pavilhão de aspecto agradavel e caracteristico.

Interiormente admira-se a riqueza dos mineraes expostos, onde se encontram variadas especies de excellente qualidade.

O pavilhão da republica de Guatemala, não tem caracter especial, mas o seu aspecto é agradavel. Podia ser um chalet suisso, rodeado de abundante vegetação indigena, enlaçando-se pelo edificio algumas plantas trepadeiras de gracioso effeito. Os principaes productos d'esta exposição são tabacos e algumas esculpturas em madeira e em bronze muito originaes.

O Uruguay tem um pavilhão magestoso pela sua grandeza e architectura.

Um grande portico de ferro e vidro dá entrada para o recinto da exposição onde se vêem os productos da sua industria, distinguindo-se principalmente as conservas e as carnes curadas.

O edificio tem nos seus quatro angulos, quatro grandes torreões rematados em cupula, e ao centro outra grande cupula de ferro e vidro que illumina abundantemente o interior.

A republica de S. Salvador, um dos estados mais prosperos e industriosos da America Central, tem um pavilhão de muito bom gosto proximo dos pavilhões do Chili e do Uruguay a que já nos referimos.

Este pavilhão é muito caracteristico das construcções do paiz. Estylo semi-arabe e semi-hespanhol, está decorado com gosto especial em que se aproveitaram signos e geroglificos da lingua sagrada *nohualt* que, segundo a tradição fallavam os indigenas.

Na sua exposição figuram muito principalmente o café, os mineraes de ouro, prata e cobre, e plantas indigenas. Esta exposição é das melhores, relativamente ao paiz.

Proximo do pavilhão de Guatemala encontra-se o pavilhão do Paraguay, occupando a area de 200 metros quadrados, incluindo os jardins que o ladeiam.

A sua construcção é simples e elegante, de um só pavimento, e feito de modo que se desmancha e arma em qualquer ponto sem se damnificar. Foi feito assim para o poderem conduzir desarmado para a capital do Paraguay, onde deverá servir para as exposições regionaes.

Os principaes productos que expõem são madeiras, coiros e mineraes e grande variedade de flores do paiz.

O pavilhão da republica Argentina é um edificio magnifico construido de ferro e vidro, e que, apesar da sua grandeza, se póde desarmar e transportar para onde se queira. Occupa um espaço de 1.600 metros quadrados e custou 1.200:000 francos.

Não é uma construcção caracteristica, mas obra da phantasia do architecto francez M. Ballu, que n'ella affirmou mais uma vez o seu grande talento.

Por todo o edificio se revela a riqueza do paiz a que pertence. As esculpturas e pinturas decorativas veem-se em grande profusão nas galerias e cupula do edificio; verdadeiros primores artisticos devidos aos artistas francezes Gervex, Bernard, Robert Fleury, Carmon, Favre, Merson, Monternard, Duffer, Jules Lefebvre, Duez, Leroux, Tureau, Roll, Pepin, Hugues, etc.

Uma ampla escada dá accesso ao primeiro andar em volta do qual corre uma galeria. Uma grande cupula central coroa o edificio que tem mais quatro cupulas que se erguem nos seus quatro angulos.

A' noite é illuminado a luz electrica por mais de mil fócos o que lhe dá um aspecto phantastico.

Todo o pavilhão está revestido de porcelanas, mozaicos, esmaltes, vidros de cores e pedras escolhidas que dão boa idéa da rigueza do paiz.

A sua exposição de productos naturaes e manufacturados, é importante em café, algodão, assucar, tabaco e plantas raras, avultando a sua principal industria e exportação, que são as carnes, curados, os coiros e as lãs.

Vejamos agora o pavilhão do Brazil, de que damos a estampa na nossa primeira pagina.

Encontra-se á direita da torre Eiffel ao entrarmos no Campo de Marte e proximo do pavilhão da republica Argentina que deixámos discripto.

Occupa o espaço de 1,200 metros quadrados, rodeado de jardins a meio dos quaes se ergue a construcção de madeira, tijolo e vidro.

Tem tres pavimentos em galerias abertas e é coroado por uma cupula de vidros que se eleva ao centro do edificio. Uma torre quadrada de 40 metros de altura dá accesso á primeira e segunda galeria, por meio de uma escada construida no interior, seguindo se depois para o torreão.

No pavimento terreo está o salão do *comité* e uma galeria—ante-camara—cujo pavimento é forrado de madeiras do Brazil embutidas; obra executada no Rio de Janeiro e transportada para aquelle pavilhão.

Nos pavimentos superiores, veem-se os productos do paiz, perfeitamente representados, tornando-se notavel sobre tudo as magnificas amostras do seu café.

D'este pavilhão passa-se a uma galeria-estufa, em que se admira a opulenta vegetação do Brazil, nos explendidos exemplares de plantas indigenas, como não se encontram outras na exposição, podendo ver-se ali, em um tanque que conserva a agua na temperatura de 30° centigrados a famosa *Victoria Regia* do Amazonas, planta aquatica, que só vive na agua na temperatura acima indicada, e que adquire proporções collossaes, a ponto de uma só de suas folhas bastar para envolver uma creança de poucos mezes, como é uso entre os indigenas.

Faz parte, tambem d'esta exposição um outro pequeno pavilhão denominado *Pavilhão de Goso*, onde se provam, café, chá, aguardentes e licores de fructos naturaes do paiz. Este pavilhão é uma construcção graciosa de madeira decorado com bom gosto.

As estatuas que decoram exteriormente o pavilhão principal representam os seis rios mais importantes do Brazil e são: O Amazonas, o Tiété, o Parahyba, o Tocantins, o São Francisco e o Paraná.

Os productos expostos pertencem ás provincias de Pernambuco que expõem aguardentes, assucar e algodão; Ceará, borracha, café e algodão; Amazonas, borracha e madeiras; Rio de Janeiro, cafés; Espirito Santo, tapioca café e assucar; Bahia, tabacos, cafés, assucar e algodão: Parahyba, madeiras e plantas: Pará, madeiras e borracha; S. Paulo, assucar, café e tapioca.

Estes são os productos principaes.

Foi no dia 14 de Junho que se inaugurou esta exposição uma das mais importantes da America, e que chama a attenção dos visitantes que durante o dia ou a noite, ao clarão da luz electrica que a illumina, ali vão admiral-a.

O espaço total occupado pela exposição do Brazil ascende a 2:500 metros quadrados.

A. da Silva.

ANTONIO PEDRO

A biographia de Antonio Pedro—o grande artista que a scena portugueza por muito tempo chorará—é muito simples e conhecida de todos os portuguezes, porque nunca houve em Portugal actor mais popular do que elle.

Agora, por occasião da sua morte, todos os jornaes de Lisboa e da provincia contaram minuciosamente a sua vida, que tão obscuramente começou e que terminou n'uma apotheose nacional. Essa narrativa quasi que era escusada. Antonio Pedro nasceu para a arte no meio de todos nós, todos nós vimos crescer palmo a palmo a sua gigantea estatura artistica, assistimos noite a noite aos seus triumphos progressivos, vimol-o ascender passo a passo a essas luminosas regiões da gloria que a raros é dado attingir; temos na nossa memoria gravadas ainda bem vivas todas as suas creações magistraes, desde a pequena rabula da *Loteria do Diabo* em que já se sentia o artista, até ao coveiro do *Hamlet* em que resplandecia em todo o seu brilho o genio do Mestre; e por isso repetimos a narrativa da sua vida de actor era bem escusada; toda ella está n'essa vastissima galeria de personagens comicos e serios, grotescos e tragicos, que foram a sua gloria que o immortalisaram na historia do theatro portuguez, que lhe deram um logar á parte na nossa arte, um logar excepcional e unico como o que Frederico Lemaître occupa na historia da Arte do seu paiz.

A sua biographia pessoal, a historia da sua vida particular nada tem de notavel.

Nascido em 15 de maio de 1836, de paes humildes, n'um meio modestissimo, filho d'um penteeiro que lhe deu por unica educação o ensino do seu officio, Antonio Pedro nunca deu muito que fallar de si como homem.

Logo depois de levado pela sua irresistivel vocação para o theatro, rapaz de 12 annos, com o sangue na guelra, estonteado pelo meio novo e um pouco bohemio em que se encontrava, Antonio Pedro teve as suas rapaziadas mais ou menos ruidosas; depois casou, fez-se pacato, e nunca mais deu que fallar de si como homem, senão agora, nos ultimos annos da sua vida, pelo padecimento medonho que o torturou, que lhe deu uma triste celebridade de martyr, pois esse conjuncto de enfermidades horrorosas que durante largos mezes collaboraram brutalmente na sua morte!

* * *

Se a biographia do homem e do actor é facilima de fazer, o estudo critico do artista é um trabalho dificilimo e que não se faz assim d'um momento para o outro, sobre o joelho.

O seu talento complexo, cheio de continuas surprezas deslumbrava e desnorteava a critica.

Antonio Pedro era um actor enygma: havia sempre tanto de imprevisto no seu trabalho, que como muito bem dizia d'elle outro grande artista o Isidoro, que o admirára immenso: — Era de ficar a gente de bocca aberta!

Alguns artigos escriptos por occasião da morte de Antonio Pedro apresentam-n'o sob um aspecto perfeitamente falso, como um actor do acaso, um desleixado, que não se importava com os seus papeis, e que deixava tudo á inspiração do momento, ao que *calhava*.

Antonio Pedro era inteiramente o contrario d'isto: e appello para o testemunho de todos que o conheceram de perto, dos actores e dos traductores que para elle escreveram, dos ensaiadores que o ensaiaram.

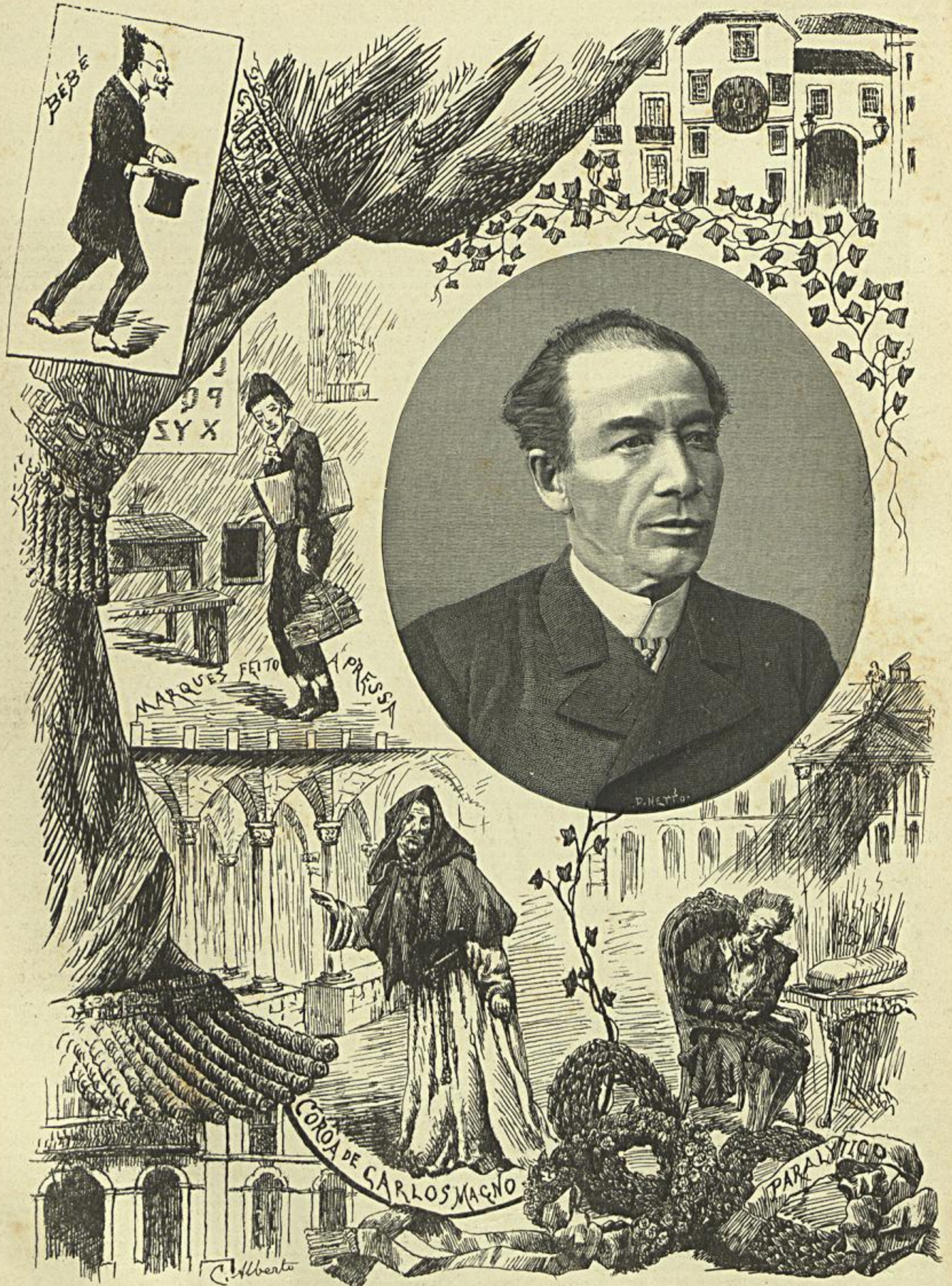
O extraordinario artista não tinha nenhuma educação litteraria, não era um theorico, não sabia na ponta da lingua o seu Aristippe, nunca folheara o Samson, não decorára o *Breviario* de Damiens, nem discutia o paradoxo de Diderot é certo, mas preoccupava-se muito com os seus papeis, estudava-os cuidadosamente, trabalhava como aquelles que trabalhavam, fazia da sua arte uma arte a serio, procurava no conselho dos que sabiam, a sciencia que lhe faltava, tinha, como poucos, o dom da observação, esse dom essencial n'uma arte toda imitativa como é a arte dramatica; tinha, como raros, a vontade de aprender, a docilidade para consultar opiniões alheias, o criterio, o instincto theatral, para aproveitar d'essas opiniões o que era sensato, o que era verdadeiro; e tinha, como nenhum, o talento, o genio, para assimilar todas essas theorias, todos esses conselhos, todas essas opiniões e fazer com ellas essas creações magistraes, essas obras primas da arte de representar, que se chamam o Vautroix dos *Solteirões*, o judeu do *Juiz*, o *Saltimbanco*, o *Paralytico*, o sineiro da *Patria*, o velho do *Pedro Ruivo*, o Anselmo do *Tartufo*, o sargento do *João Carteiro*, o De Profundis do *Sargento mór de Villar*, o inglez da *Martyr*, o coveiro do *Hamlet*.

O que havia de imprevisto no seu trabalho era imprevisto para o publico que o via, mas não o era para elle que calculara todo o seu trabalho e estudara todos os seus effeitos.

Poucos actores tem havido no nosso theatro que se preoccupassem tanto com os seus papeis como Antonio Pedro, que trabalhassem tanto os seus personagens.

Muitas vezes ao principio elle não os via e com algumas das suas mais gloriosas creações aconteceu isto, como por exemplo com o *Paralytico* e com o *Sargento mór de Villar*.

Quando Santos lhe deu para lêr o *Paralytico*, Antonio Pedro disse terminantemente que não o fazia, que não era papel para elle.

Santos, que o conhecia bem, e que com o seu olhar d'aguia advinhara o extraordinario actor dramatico que havia dentro d'aquelle desopilante actor comico, que previra as lagrimas verdadeiras que podia fazer chorar, e aquelle actor que todas as noites nos solteirões fazia chorar o publico a rir, não desistiu. Como emprezario impoz-lhe o papel, e depois como ensaiador explicou-lh'o,

O ACTOR ANTONIO PEDRO

(Composição e desenho de C. Alberto)

fez-lh'o vêr. Antonio Pedro viu-o então immediatamente, metteu-se dentro d'elle, com essa arte excepcional que elle tinha para se adaptar ás individualidades mais difficientes e o *Paralytico* marcou na carreira triumphal de Antonio Pedro uma das suas datas mais gloriosas.

Com o *Sargento mór de Villar*, deu-se a mesma cousa.

Leopoldo de Carvalho, um dos grandes amigos de Antonio Pedro ensaiára no Porto uma peça e vendo no papel do *De profundis* um papel magnifico para elle, trouxe a peça do Porto quando veio para o Gymnasio ensaiar.

Antonio Pedro foi para a companhia do Gymnasio e Leopoldo deu-lhe a peça para ler.

D'ali a dias Antonio Pedro encontrou Leopoldo no Largo do Pelourinho e disse-lhe que tinha lido dois actos mas não gostava da peça nem do papel.

Leopoldo calou-se, mas dias depois jantando com Antonio Pedro voltou a fallar-lhe do *Sargento mór* e descreveu-lhe minuciosamente o papel do *De Profundis*.

Antonio Pedro ficou um bocado silencioso, como que digerindo o que Leopoldo lhe dissera; e depois disse-lhe:

—É bom, é, sim senhor. Não tinha visto bem isso! É muito bom. Dá cá a peça.

No dia immediato Antonio Pedro declarava ao Leopoldo que fazia a peça, e quando foi ao primeiro ensaio já sabia todo o papel de cór, e muitas vezes, já nos ensaios de apuro, elle ia á tarde sósinho com o Leopoldo para o palco do Gymnasio apurar as suas scenas.

Vêem já por isto, que é authentico, como são phantasticas as versões que fazem de Antonio Pedro um actor de acaso.

Outro exemplo.

Quando se representou em D. Maria o *Rabagas* de Sardou Antonio Pedro teve um papel pequeno, uma rabula, o papel d'um carroceiro communista de que elle fez uma creação magistral, que teve as honras da peça.

O typo que Antonio Pedro apresentou era extraordinario.

Pois era copiado *d'après nature*: Antonio Pedro viu o seu personagem e andou á procura d'um modelo para o physico d'esse personagem.

Encontrou-o na Praça da Figueira; um passarinheiro que ali havia de barba ruiva, um verdadeiro typo que fôra em tempo porta-machado do 16.

Antonio Pedro passou dias e dias a estudal-o, a apanhar-lhe todos os seus feitios, todos os seus *tics*. Depois accomodou esse typo ás exigencias do seu personagem metteu-se-lhe dentro e o *successo* do *Rabagas* foi para esse personagem, que apenas dizia duas palavras e em que ninguem pensára.

Com o *Bébé* usou do mesmo processo, processo que aliás usava muitas vezes: mas então o modelo que elle foi buscar era um modelo muito grotesco e bem conhecido em Lisboa e com a sua veia comica extraordinaria, Antonio Pedro não teve mão em si, foi atraz do chôro, puchou o modelo até aos limites da caricatura e d'ahi essa creação funambulesca do professor do *Bébé*, essa *charge* desopilante da opera burlesca que deu ao *Bébé* um successo colossal.

Com esta peça deu-se um caso originalissimo e creio que unico em theatro: o papel de professor foi todo falseado por Antonio Pedro: a gente morria a rir com elle, mas percebia que o personagem não era aquelle, e que pelo contrario todo o comico do papel e da situação devia estar exactamente na seriedade e na gravidade d'esse professor, de que Antonio Pedro fizera um grotesco phantastico, e entretanto é certo que apesar de toda a sua graça, a comedia não teria entre nós a terça parte do successo que teve, se o papel de professor tivesse sido interpretado como devia sel-o.

O erro de interpretação de Antonio Pedro, foi como aquelle erro de imprensa celebre na historia litteraria da *Rose* de Malherbe.

Entretanto foi a essa *charge* inaudita que Antonio Pedro deveu a unica sensaboria da sua carreira e o seu insuccesso em Madrid.

Noites antes de ali ir a companhia portugueza, o *Bébé* tinha sido representado por uma companhia parisiense.

Os madrilenos conheciam portanto a peça e tinham visto como o papel devia ser interpretado: apparece-lhes Antonio Pedro, que elles não conheciam, faz-lhes o papel inteiramente ao con-

ATTENTADO CONTRA O IMPERADOR DO BRAZIL—Occorrido na noite de 15 para 16 de Julho de 1889

(Segundo um *croquis* enviado pelo nosso correspondente)

trario e o publico e a critica de Madrid, não querendo saber se o papel ganhava em graça em ser feito com aquella exhuberante e espantosa veia comica, e sabendo apenas que não era assim, censuraram asperamente o grande artista portuguez.

A gloria enorme de Antonio Pedro, podia bem com essas censuras, e os triumphos colossaes que elle durante toda a sua brilhante carreira conquistou em Portugal e no Brazil, as ovações ruidosas que o acompanharam em todas as suas creações, não deixaram sequer beliscarem-lhe o seu justissimo amor proprio d'artista essas alfinetadas d'um publico que o não conhecia, que não fallava a sua lingua e que o via pela primeira vez em um papel, que sendo um dos seus mais festejados successos elle todavia não considerou nunca entre os seus melhores papeis.

* * *

E' extensissima a lista de papeis que Antonio Pedro fez nos 31 annos da sua vida theatral.

Entre esses papeis poucos ou nenhuns deixaram de marcar um progresso, de assignalar um triumpho, e recordando o nome de todas essas peças em que vimos Antonio Pedro, os personagens que elle representou surgem na nossa memoria aureolados pelo brilho enorme que lhes dava em scena o seu excepcional talento.

Essas peças foram a *Loteria do Diabo*, *Revista de 1858*, *Dois irmãos unidos*, *Dois cadis*, *Scenas da guerra da Italia*, *Corôa de Carlos Magno*, *Marquez feito á pressa*, *Mocidade e honra*, *Duende*, *Ave do Paraiso*, *Memorias do Diabo*, *Pera de Satanaz*, *D'um argueiro um cavalleiro*, *João o Carteiro*, *Herdeiros do Millionario*, *Solteirões*, *Vida de um rapaz pobre*, *Gran duqueza de Gerolstein*, *A molestia de Pelle e o sr. Raimunculo*, *Sabichonas*, *Sabichões*, *Flôr de Cha*, *Por causa d'uma carta*, *Marion Delorme*, *Juiz*, *Pedro Ruivo*, *Casas creados e agiotas*, *Mosca Branca*, *Tartufo*, *Patria*, *Cora*, *Condemnado*, *Drama do Povo*, *Duas orphãs*, *Paralytico*, *O porteiro da casa n.º 15*, e mais recentemente no Gymnasio, o *Saltimbanco*, *Sargento mór de Villar*, *Diz se*, *Familia Benoiton*, *Dinheiro do Anão*, *Bébé*, *Processo Lerouge*, *Casamentos ricos*, *Lisboa por um oculo*, em D. Maria, *A Martyr*, *Clara Soleil*, *A Radiante*, *O Parisiense*, e o *Hamlet*, a sua ultima e magistral creação.

Ha decerto n'esta lista muita omissão de peças grandes e não se citam as numerosas peças n'um acto em algumas das quaes Antonio Pedro teve extraordinarios successos como por exemplo na *Audiencia na sala*, uma comedia representada em D. Maria nos ultimos tempos de Santos e em que Antonio Pedro era assombroso de veia comica, e as scenas comicas que o grande actor tinha no seu reportorio, algumas das quaes tiveram grande notoriedade e foram representadas centenares de vezes, como o *Alto Vareta!*, *O conductor d'omnibus*, *Em quanto o panno não sobe*, etc.

* * *

O OCCIDENTE, dando o retrato de Antonio Pedro feito sobre uma das melhores photographias que restam do celebre actor, quiz dar tambem alguns *croquis* dos seus mais notaveis papeis, mas como os seus mais notaveis papeis foram quasi todos que desempenhou, escolheu d'essa enorme galeria tres personagens — o do *Marquez feito á pressa*, uma comedia das antigas Variedades, uma das primeiras em que Antonio Pedro appareceu e em que por signal nao fallava mas em que teve um successo enorme sómente pela sua apresentação, pelo seu typo — um pequeno que vinha da aula — e pela sua contra scena, o do frade da *Corôa de Carlos Magno*, em que começou a sua notoriedade como actor comico de primeira plana, o professor do *Bébé*, e finalmente, o do *Paralytico* que foi não só uma das brilhantes corôas da sua carreira como tambem um dos mais brilhantes *successos* do theatro portuguez.

* * *

O enterro de Antonio Pedro foi um acontecimento em Lisboa, foi uma manifestação imponentissima da estima e da admiração profunda que Lisboa tinha pelo grande artista.

Apesar da grande distancia a percorrer d'onde Antonio Pedro morava — acima do Desterro, ao cemiterio dos Prazeres, o enterro foi a pé, e por todas as ruas do transito, o povo fazia alas compactas e em muitos olhos se viam lagrimas sentidas.

O sr. Conselheiro José Luciano de Castro, presidente do conselho e ministro do Reino foi inscrever-se em casa de Antonio Pedro e acompanhou o cadaver do grande artista até ao cemiterio.

Esta homenagem prestada pelo illustre estadista ao grande actor produziu funda impressão e foi commentada com grande e justissimo elogio, e a presença d'um ministro da corôa, do presidente do gabinete, entre a enorme muldidão que acompanhava o cadaver de Antonio Pedro, multidão em que se viam representadas todas as classes sociaes de Lisboa, foi como que a chancella official n'essa verdadeira glorificação nacional, em que a admiração e a saudade de todos os seus compatriotas, transformaram o enterro do immortal artista.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O ATTENTADO CONTRA O IMPERADOR DO BRAZIL

Do nosso correspondente do Rio de Janeiro recebemos pelo *Orenoque* um *croquis* e alguns promenores do attentado contra a vida de Sua Magestade o Imperador do Brazil, que nos habilitam a informar os nossos leitores de modo muito completo, sobre aquelle lamentavel acontecimento.

O limitado espaço de que dispomos, obriga-nos a supprimir alguns periodos das informações que nos enviou com a maior sollicitude, o nosso correspondente, do que lhe pedimos desculpa, tendo apenas supprimido o que era de interesse mais local, sem prejuizo do que importa saber sobre o caso.

Eis o que nos diz o nosso obsequioso correspondente:

«*Rio, 17 de julho de 1889.* — Em a noite de 15 para 16 do corrente deu-se á sahida do theatro de Sant'Anna um atrevido attentado contra a vida do Imperador, de que felizmente ficou salvo, mas que impressionou toda a côrte, como é natural.

Suas Magestades e Altezas imperiaes e o principe D. Pedro sahiam do theatro, onde tinham assistido ao espectaculo, quando de um grupo de moços se levantaram vivas á republica, que não foram correspondidos, sobresaltando a familia imperial que toda se uniu em volta do seu chefe, entrando para o coche que os esperava á porta. Só o imperador mostrou serenidade em presença d'aquella manifestação hostil que acabavam de fazer-lhe, socegando a imperatriz e seus augustos filhos, com palavras animadoras em que explicava a pouca importancia d'aquelles gritos exaltados, e quando no coche, recommendava para fóra a seus creados prudencia é brandura, pois um moço da estribeira desembainhara seu sabre para se defender dos aggressores que se approximavam do coche em confusão com o povo, levantando este vivas ao imperador.

Depressa se poz o coche em marcha seguido da cavallaria que fazia a guarda de honra, quando a pouca distancia do theatro, ao passar em frente do jardim da *Maison Moderne*, sahiu precipitadamente de uma das portas d'esta casa, um moço que disparou um tiro de rewolver contra o coche em que ia a familia imperial, mas que não lhe acertou.

O cocheiro fez acelerar a marcha do coche fustigando as muares, e apesar de logo se ter reunido a policia que rondava nas immediações, não se apanhou a pessoa que disparou o tiro, porque desappareceu rapidamente antes que fosse agarrada, sendo preso na occasião um hespanhol sobre que recahiram suspeitas, mas que logo se reconheceu estar innocente pelas declarações que fez na primeira estação a que foi conduzido.

Emquanto, porém a policia procurava descobrir o criminoso, apresentava-se ao 1.º delegado sr. dr. Bernardino Ferreira da Silva, um empregado da *Maison Moderne* chamado Antonio José Nogueira, que declarou conhecer o auctor do attentado e poder o encontrar no *Cafe de Londres* para onde o mesmo se havia dirigido.

Então o sr. delegado fazendo-se acompanhar por policias e com Nogueira, dirigiu-se para o *Cafe de Londres*, mas este já estava fechado. Houve então quem dissesse que o moço que procuravam se dirigira para a rua *Gonçalves Dias*, estação de bondes e ali se descobrio o criminoso, que estava dentro de um carro que ia partir para Botafogo.

Subiu ao carro o sr. Capitão Lyrio que effectuou a prisão, não sem resistencia do preso, que foi conduzido á policia.

Eram 3 horas e meia da madrugada quando se fez o primeiro interrogatorio e se verificou que o criminoso se chama Adriano Augusto do Valle, de 21 annos de idade, natural de Caminha e filho de Adriano Francisco Augusto do Valle e de D. Izabel Maria Martins Rua, que se emprega no commercio, tendo sahido ha cinco dias da casa commercial dos srs. Alegria & C.ª

Valle negou ao principio que fosse o auctor do attentado, mas no segundo interrogatorio que lhe foi feito confessou o crime e declarou que não se vexava d'elle por ter tentado contra a vida d'um monarcha, não sendo capaz de fazer o mesmo contra a vida de outra qualquer pessoa.

Mostra se muito exaltado, mas tambem declara que foi instigado por outros a commetter aquelle acto condemnavel.

Seu pae, que está aqui, teve hoje uma entrevista com elle que commoveu quantos a presenciaram, mostrando-se o moço muito penalisado em presença d'elle que chorava e lamentava a sorte de seu filho, declarando que a conducta do moço até aquelle desgraçado caso tinha sido sempre moderada, o que parece ser verdade.

O imperador tem sido muito comprimentado por todos os diplomatas estrangeiros que estão na côrte, politicos, ministros, dignatarios e funccionarios, que se tem dirigido ao palacio da Tijuca, para onde se retirou esta manhã, como tinha tenção.

Sua Magestade está perfeitamente tranquillo e sahiu de tarde a passeio.

Até á hora em que escrevo nada mais se sabe de importante sobre o caso para communicar.

Desejava enviar um retrato de Valle mas soube que não ha nenhum, e nao quero mandar um retrato apo ripho para seu jornal, mas envio esse esboço feito appressadamente, por um amigo meu que dá boa idéa das circumstancias em que se commetteu o attentado.»

Nos Jornaes que temos recebido do Brazil n'estes ultimos dias encontrámos noticia de que se confirma ser Adriano Augusto do Valle o auctor do attentado, seguindo o processo os seus tramites legaes. Que Sua Magestade o Imperador tem recommendado que o preso seja bem tratado, mandando que lhe dessem cama com lençoes, o que Adriano recusou.

As manifestações de sympathia pelo imperador tem-se succedido por parte de todas as classes da sociedade, e de todas as nações tem sido enviados telegrammas officiaes, felicitando o venerando monarcha pelo malogro do attentado.

A colonia portugueza publicou um protesto contra o attentado em que declára expulsar do seu seio o auctor de tão covarde e inaudito crime.

Os grupos republicanos tambem tem declinado de si a responsabilidade d'este acontecimento, declarando que Adriano Augusto do Valle obrou de moto proprio sem instigação, do partido republicano.

Adriano Augusto do Valle foi para a America em 1882. Aportando ao Rio de Janeiro, onde estava seu pae, este o convenceu a ficar n'aquella cidade, e a não seguir para Montevideu, que era o destino que Valle levava.

Valle tem uma instrucção regular e só ha pouco tempo é que principiou a revelar as suas opiniões politicas, pois até então nunca ninguem o ouvira fallar em politica.

Vê se que a politica exaltou-lhe o cerebro e que o arrastou impensadamente áquelle extremo violento que não está longe da loucura.

AMAZONAS

SANTO ANTONIO DO RIO MADEIRA

A vista que hoje apresentâmos é do logar denominado Santo Antonio, no rio Madeira, provincia do Amazonas, no Brazil, porém de direito, segundo a antiga demarcação dos portuguezes, pertence este territorio á provincia de Matto Grosso.

Acha-se situado este logar aos 8.º 49' 2", de latitude, e 21.º 29' 8" de longitude do Rio de Janeiro.

É até aqui que do Pará navegam os navios de alto bordo, achando-se impedida a navegação para estes d'este ponto para cima, devido á cachoeira conhecida hoje pelo nome do logar, e antigamente por *troya* entre os indigenas e de *Sam João*, pelos portuguezes, que foram os primeiros a navegar n'este rio, e o faziam d'aqui para cima, como hoje, em canoas.

A quatro leguas de viagem encontra-se a cele-

bre cachoeira de *Theotonio* de que trata B. M. Costa e Silva, como d'este logar, no seu livro *Viagens no Amazonas*.

As casas que se vêem na gravura foram construidas pelo sr. Costa e Silva para seu estabelecimento commercial, armazens de deposito e casa de habitação, e foram trabalhadas por indios bolivianos. Ao fundo das casas, acha-se a cachoeira, a primeira das dezenove n'este rio, e mais além vê-se uma ilha que se acha no canto da cachoeira.

Foi este logar primitivamente habitado por um missionario portuguez, que ali fundou uma missão e actualmente é ponto militar da fronteira, onde o governo brazileiro tem um pequeno destacamento.

Abandonado e disperso pelo matto vê-se muito material que pertenceu a duas companhias que pretenderam fazer um caminho de ferro a partir d'aqui até á fronteira da Bolivia, á cachoeira de *Guajará-Miry*, as quaes falliram, abandonando os trabalhos por falta de meios, e ainda hoje se avistam desmanteladas por este logar muitas machinas de vapor, guinchos, ferramentas, trilhos etc., em completo abandono e estragados, chegando o matto a invadir a via ferrea, que chegou a estar assente e explorada até algumas milhas acima de *Santo Antonio*.

Em frente das casas da nossa gravura, passava a linha ferrea.

A descripção circumstanciada d'esta estrada, lugares e itenerario do rio Madeira, costumes e narrações dos habitos e nações ou tribus dos indios d'estes lugares, vem consignadas nas referidas *Viagens* do sr. Costa e Silva, a quem devemos este desenho, e que, em realidade, interessam ao viajante que pretenda ou queira ter conhecimento dos usos e costumes d'estes povos, ainda hoje tão desconhecidos entre nós.

Infelizmente, por não dispormos de espaço sufficiente, deixâmos de mencionar aqui promenores curiosos e interessantes do mencionado livro do sr. Costa e Silva que recommendâmos aos nossos leitores.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XVII

—Bravo! sr. Barradas! isto é que é madrugar! Levantou-se com o sol, disse lhe o Visconde.

—Eu no campo gosto sempre de me levantar cedo para respirar o ar embalsamado da aurora.

—Tem muita razão, concordou o conselheiro Mimoso mettendo-se na conversação, o ar da manhã é muito sadio, não ha nada para a saude como o ar da manhã: eu quando estava na minha quinta da Porcalhota levantava-me sempre de madrugada, e tanto que apanhei um furioso ataque de rheumatismo com a humidade matutina.

—Eu dou-lhe os meus parabens sr. Visconde pelo festivo dia de hoje.

—Muito obrigado seu Barradas, sei que esses parabens são sinceros, sei quanto é nosso amigo e por isso estimo muito que viesse passar este dia comnosco, disse o visconde com uns amaveis ares protectores.

—Oh! sr. Visconde!

—Então que é d'estas senhoras? Estão ainda recolhidas?

—Creio que sim, eu ainda não tive o prazer de as vêr.

—Tambem é cedo ainda: nós vamo-nos escovar, limpar da poeira, lavar a cara, disse o Visconde voltando-se para os seus dois companheiros.

—E eu vou tomar um banho frio, se o meu caro visconde me dá licença.

—Pois não, conselheiro...

—V. Ex.ª toma banhos frios todos os dias? sr. conselheiro, perguntou admirado o padre Bernardino

—Sim senhor, todos os dias.

—De verão e de inverno?

—Sim senhor, esteja o tempo que estiver tomo todos os dias o meu banho frio, não posso passar sem isso.

—E faz bem, enrija muito, approvou o Quim.

—Bom, vá passear, seu Barradas vá passear, que nós vamos tratar da vida

—Sim senhor, disse o Quim.

E affastando se foi pela estrada fora, pedindo ás brisas matutinas rimas e inspiração para o seu acrostico.

O visconde, o conselheiro e o padre Bernardino dirigiram-se para casa.

—Aqui tem a minha casa de banho, disse o Visconde ao Conselheiro, abrindo a porta d'uma casa terrea ao pé do poço, mandei encanar a agua para aqui, aqui tem a sua tina, é sómente abrir a torneira.

—Muito obrigado, meu caro visconde.

—O padre Bernardino tambem toma banho?

—Não senhor, apressou-se em responder o padre aterrado com esta pergunta, eu não tomo nada antes de almoço.

—Bem, conselheiro, esteja á sua vontade, sem cerimonias, faça de conta que está em sua casa.

—O sr. Visconde, o sr. faz favor de dizer a um dos seus creados que me traga cá uma chaleira com agua quente.

—Com agua quente?

—Sim senhor; para o banho.

—Mas então o sr. não diz que toma banho frio?

—Sim senhor, tomo banho frio, mas costumo sempre aquecel-o um bocadinho.

*
* *

A's 9 horas uma girandola de foguetes annunciou que o almoço ia para a mesa. A Viscondessa, a Guida, a Lulu, e a sua amiga a Emilinhas todas arrebicadas com uns trajes de gala campezina, esperavam na sala de jantar os convidados: trocaram-se as felicitações do estylo, sentaram-se á mesa e o almoço começou, mas faltava um conviva—o Quim.

Onde estará elle, onde não estará? O visconde communicou que ha muito tempo o encontrara a ir para a estrada. A Emilinhas começava já a estar assustada com a demora e pensava se já em mandar o caseiro e os moços da quinta em expedição á procura do Quim perdido quando elle entrou pela sala de jantar dentro, cançado, esfalfado, mas tendo no rosto uma certa aureola triumphal.

—Então onde estava o sr. mettido? perguntou-lhe o visconde

—Eu estava ali n'aquelle monte ao pé do moinho.

—Ao pé do moinho? Então estava fazendo de D. Quichote.

—Ah! os moinhos são muito saudaveis, ponderou sentenciosamente o padre Bernardino.

—Lá isso são, comprovou o conselheiro Mimoso: olhem eu quando morava na rua da Prata tinha sempre doenças em casa, não se me tirava o medico da porta, mudei-me ha dois annos para a rua do Moinho de Vento e todos nós temos gosado uma saude de ferro

—Mas o que estiveste tu a fazer, reprehendeu em voz baixa Emilinhas: todos á tua espera para o almoço...

—Estive a fazer uma poesia, respondeu o Quim cor certo orgulho.

—Uma poesia, tu?

—Sim senhora, uma poesia dedicada á menina festejada.

—Serio, serio?perguntou sua irmã julgando impossivel tal façanha do estro do seu mano.

—Serio, um acrostico. Tenho aqui para o recitar logo ao jantar, quando se fizer a saude.

—Fizeste bem, fizeste muito bem, approvou Emilinhas toda contente com a bella idéa que tivera seu irmão.

E muito alegre correu logo a metter no bico da Guida, que seu irmão lhe fizera uma poesia.

—Ah! sim! uma poesia a mim?

—Sim, para a recitar ao jantar.

—O que foi, Guida? perguntou a Lulu.

—O Quim que me fez uma poesia.

A Viscondessa tambem quiz saber do que se tratava e dentro de trez minutos toda a gente sabia do alto feito poetico do bestunto do Quim e no meio de acclamações geraes elle foi instado para recitar a sua producção.

—Logo, logo, ao jantar; escusava-se o Quim com a modestia envergonhada que é propria dos Quins.

—Nada, nada, agora, opinavam as meninas.

—Logo, logo.

—Agora, agora.

E assim estiveram um bocado defronte das costelletas de carneiro panadas com *purée*, até que o Visconde terminou a questão impondo a sua auctoridade de Visconde e de dono de casa:

—Sr. Barradas, disse elle, recite agora; é de bom agoura ter versos ao almoço.

—Lá isso é, confirmou o conselheiro Mimoso, é de muito bom agouro versos ao almoço e é por isso mesmo que em todas as soirées os bolos do chá trazem pastilhas com poesias.

—Recite agora os seus versos.

—Eu guardava-os para o jantar, sr. Visconde.

—Pois recite-os agora, que para o jantar Deus dará.

O Quim não teve remedio senão obedecer, e pondo-se em pé e tirando da algibeira um papel proferiu:

—Aos annos da Ex.ma Sr.ª D. Margarida de Friões, vulgo Guida, por occasião do seu faustissimo anniversario natalicio, acrostico improvisado junto do moinho dos ossos pelo mais humilde e dedicado dos seus servos a admiradores.

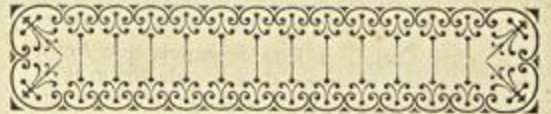
—Muito bem, muito bem, applaudiram todos.

—Agora é que é o acrostico, preveniu o poeta.

E recitou com voz cantada:

Guimarães, terra de leões
Urraca viveu em teus harens
Inda d'Affonso ouço as acclamações
Dando pelo dia de hoje os parabens
A D. Margarida, filha do sr. Visconde de Friões.

Continúa.

Gervasio Lobato.

REVISTA POLITICA

Aquelle general, que para se justificar de não ter feito fogo quando devia, alegava mil motivos, sendo o primeiro o não ter polvora, poderia servirnos perfeitamente n'esta occasião, seguindo-lhes o exemplo, principiando nós por declararmos que não faziamos a revista politica, pela falta de factos politicos com que enchermos esta columna.

Mas isso decerto não satisfazia o director do Occidente e muito menos os leitores, e não temos outro remedio que ir esquadrinhar o que a politica tem produzido n'estes ultimos dez dias.

Emprehendamos pois uma viagem de exploração atravez dos artigos de fundo da imprensa politica, e vejamos quaes as questões que se debatem que offereçam algum interesse ou novidade.

Mas baldada diligencia, tudo é velho e de novo só encontramos algumas invectivas a El-Rei com que a opposição principia a mimosear o Chefe do Estado por este lhes não dar o poder.

Estas invectivas sahem por ora apenas de um grupo opposicionista, mas sem protesto dos outros grupos, d'onde se pode concluir de que se nem todos fazem côro, não estarão longe de o fazer, ou pelo menos de lhes agradar o systema.

Bem se vê que Fontes já não existe, e que essa falta já de ha muito que se sente, nos schismas em que se dividiu o partido regenerador.

Não faremos aqui, como simples relator dos factos, a apreciação d'essas censuras dirigidas a El-Rei, mas sempre nos parece que ellas não acreditam o systema que nos rege, e que a final, com estas e com outras, já nem sabemos qual é.

E se não digam-nos que embrulnada é esta, em que a representação nacional poderá representar os votos dos eleitores sem que esses votos sejam a expressão do sentimento publico; em que o parlamento em vez de ser o tribunal onde os governos devem prestar contas dos seus actos e recebem a auctorisação para governarem, é apenas uma facção obediente que recebe ordens dos governos em vez de lh'as dar; em que o povo depois de ter eleito os seus representantes, recorre ao Chefe do Estado para advogar a sua justiça em logar de reccorrer aos seus deputados; e finalmente, em que esse mesmo povo se vê obrigado a reunir comicios populares para discutir as questões que o parlamento lhes não resolve.

Damos um doce a quem fôr capaz de descobrir o fio corrente d'esta meada, em que se vão envolvendo as instituições.

A inviolabilidade do rei deixou de ser uma lei da carta, para se discutir e accusar como se discutem e accusam os ministros, de que resulta não se saber a quem cabem as responsabilidedes dos governos, se ao rei, se aos ministros, se ao parlamento, e para cumulo de desordem, d'entro dos proprios partidos divergem as opiniões, puchando cada qual para seu lado ao impulso das ambições individuaes e agoistas.

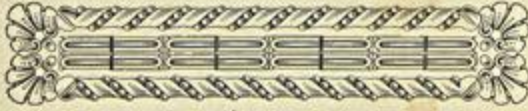
É este o espectaculo que a politica está apresentando, cada vez mais atroante e desmoralisador, levando a descrença aos ultimos crentes que ainda por cá vivem.

Eis o que encontrâmos na nossa viagem atravez dos artigos de fundo, e para isto não valia a pena emprehender a tal viagem, que nos levou demasiadamente para o sentimentalismo, fazendonos acudir involuntariamente aos bicos da pena considerações que se afastam da indole ligeira d'esta revista.

De resto o mais que se discute na imprensa são

as foturas eleições, tratando de se extremarem os campos de batalha e acentuando-se que não haverão acordos entre o governo e a opposição.

Antes assim para que ninguem tenha que se arrepender de condescendencias, e a victoria seja mais saborosa, pelo menos para os eleitores que se baquentearem com o costumado carneiro com batatas.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Congresso Internacional Colonial.—Foi muito apreciado n'este congresso, que se inaugurou em Paris no dia 30 do mez passado, os trabalhos apresentados pela delegação da Sociedade de Geographia de Lisboa, sendo considerados pelo mesmo como uma verdadeira bibliotheca colonial, conforme expressou Mr. Lévéllé, secretario geral do congresso.

Presidiu á sessão de inauguração do congresso Mr. Barbey, antigo ministro da marinha, o qual convidou para secretarios o representante de Hespanha e o nosso compatriota o sr. Luciano Cordeiro, secretario prepetuo da Sociedade de Geographia de Lisboa. Foi uma distincção muito significativa a preferencia dada ao nosso representante e ao de Hespanha, como as duas nações que mais serviços tem prestado á colonisação da America e da Africa.

De todos os delegados presentes só fallaram os da Hollanda, de Hespanha e o de Portugal convidado para isso. O sr. Luciano Cordeiro discursou sobre os serviços que Portugal tem prestado á colonisação e de quanto são injustas as apreciações desfavoraveis que por vezes se tem feito no estrangeiro, d'esses serviços.

O orador foi escutado pela assembléa com visivel interesse e por muitas vezes interrompido com aplausos espontaneos, em que se traduzia a justiça que o auditorio fazia a Portugal

Assistiram ao congresso mais tres portuguezes, os srs. Ferreira d'Almeida, Sarrea Prado e Palermo de Faria.

Na reunião do congresso do dia seguinte foi convidado para presidir á mesma o sr. Luciano Cordeiro, o que significou uma homenagem prestada a Portugal e ao nosso compatriota que tem sido alvo das maiores destincções pessoaes por parte dos membros do congresso.

N'esta sessão discutiu-se sobre o modo porque se queria implantar a civilisação da Europa nas colonias, discussão em que tomaram parte importante o dr. Le Bon e o sr. Ferreira d'Almeida combatendo as idéas do primeiro orador e demonstrando as vantagens do systema seguido pelos portuguezes na civilisação das colonias, sendo muito aplaudido pela assembléa.

Apraz-nos registrar estes factos extremamente honrosos para o nosso paiz.

Vapor «Tungue».—Já se acha no Tejo e prompto a partir para Africa no dia 15 do corrente o vapor *Tungue* pertencente á nova Companhia da Mala Real Portugueza de navegação para a Africa.

É um excellente navio feito com muito luxo, illuminado a luz electrica, e de 750 toneladas. Este vapor é destinado á carreira entre Mossamedes e Lourenço Marques. Na sua viagem de Cardiff para Lisboa deitou 13 milhas por hora.

No dia 15 do mez proximo deve seguir para os portos d'Africa o grande vapor pertencente á mesma companhia, e denominado *Rei de Portugal*, que é esperado brevemente no Tejo. Este vapor é de 3.000 toneladas e fabricado tambem com muito luxo.

Medalhões para a Estação dos Caminhos de Ferro.—Foi encarregado de fazer tres medalhões para ornamentar a fachada principal da Estação dos Caminhos de Ferro do Rocio, o distincto esculptor Simões d'Almeida.

Os medalhões devem representar os bustos de Stephson, inventor dos Caminhos de ferro; El-Rei D. Luiz, em cujo reinado tomaram mais desenvolvimento no nosso paiz as linhas ferreas; e Fontes Pereira de Mello que introduziu em Portugal a viação accelerada.

Brazão d'Armas de Sua Alteza o Infante D. Affonso.—El-Rei D. Luiz brindou seu augusto filho, Sua Alteza o Infante D. Affonso, no dia do seu anniversario natalicio—31 de julho—, concedendo-lhe o uso do brazão d'armas de El-Rei D. Manuel. Usará assim no seu escudo da *Serpe* da Casa de Bragança no *coronel* de duque, com as quinas de Portugal.

PUBLICAÇÕES

Historia da Revolução Portugueza de 1820, por José d'Arriaga, Lopes & C.ª editores, Porto. Fasciculo 6 do 4.º volume.

Archivo dos Açores, *publicação periodica destinada a vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da Historia Açoriana.* Decimo volume, numero LVII.

O Elegante, *jornal de modas para homens, dedicado particularmente aos alfayates etc.* Companhia Nacional Editora, Lisboa. Setimo anno, n.º 74 correspondente ao corrente mez.

Jornal de Pharmacia e Chymica, *publicação mensal*, redactor F. J. Rosa, adminisirador Alfredo Horta. Lisboa, 3.º anno n.º 31, julho de 1889.

AMAZONAS — Santo Antonio do Rio Madeira

(Segundo um *croquis* do sr. B. M. Costa e Silva)